



“Café Comunitário”: A cidadania como reconhecimento de saberes¹

Thais Andrade LEOPARDO²
Neusa Bongiovanni RIBEIRO³
Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS

Resumo

Este trabalho aborda a produção do programa “Café Comunitário”, projeto experimental elaborado no núcleo de rádio da Universidade Feevale. O projeto, que é de extensão, apresenta uma abordagem comunitária, tratando de temas de interesse da população periférica de Novo Hamburgo e região, veiculado na Rádio ABC 900 AM do Grupo Editorial Sinos todas às sextas-feiras entre 16 e 17 horas. A emissora comercial oportuniza a experiência aos estudantes de Jornalismo produzirem um programa com o formato de debates, ao vivo, que visa contribuir para a ampliação de conhecimentos dos estudantes que participam da equipe, e do público ouvinte e participante. O que se pretende trabalhar neste texto é o uso da comunicação comunitária, em brechas que se apresentam fortemente significativas para as comunidades locais. E de como a comunidade utiliza o espaço e exerce a sua cidadania através da comunicação.

Palavras-chave

Comunicação comunitária; programa de rádio; espaço; cidadania

“Café Comunitário”: A cidadania como reconhecimento de saberes

A comunicação com o objetivo de tornar comuns os direitos civis e políticos de cada cidadão é o tema central deste estudo. O espaço social criado pela comunicação comunitária pode ser visto como ferramenta cultural capaz de dinamizar as relações humanas e recriar as formas de comunicação social. Para Freire (1969) a comunicação é em sua natureza puramente comunitária e por isso social. O pesquisador brasileiro defendia o direito à comunicação comunitária, ou seja, a comunicação derivada do povo, de suas relações enquanto comunidade.

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação Espaço e Cidadania do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Estudante de graduação 7º semestre de Comunicação Social em Jornalismo da Feevale, e-mail: thaisal@feevale.br

³ Orientadora do trabalho: Professora doutora do Curso de Comunicação Social em Jornalismo, e-mail: neusaribeiro@feevale.br



Através das relações entre os seres humanos e o mundo e a comunicação se define como a situação social em que as pessoas criam conhecimento juntas, ao invés de transmiti-lo, dá-lo ou impô-lo. (LIMA, 1981, p.64 apud COGO, 1998, p.31)

Visando estas possibilidades, o programa “Café Comunitário” foi criado em 2003 por uma estudante e foi se consolidando com a participação de outros estudantes bolsistas remunerados e voluntários, tornando-se um espaço de aprendizado e de reflexão. A partir das pautas apresentadas e desenvolvidas na produção do programa tenta-se atingir a grande maioria de ouvintes da rádio ABC 900 AM em todos os 48 municípios da região do Vale do Sinos, onde chegam suas ondas. Através de debate com convidados, ao vivo, no estúdio de rádio da universidade, o programa pretende contribuir para a ampliação de conhecimentos tanto dos estudantes que atuam na equipe, quanto do público ouvinte e participante. Este espaço oportuniza aos ouvintes a possibilidade de formular sua opinião, tendo, no programa radiofônico, uma fonte de informação, que aborda temas de seu interesse, possibilitando o desenvolvimento da cidadania.

Enquanto ainda é complexo o processo de legalização que envolve as rádios comunitárias no Brasil, já que é difícil conciliar a situação das emissoras com as normas exigidas pelas leis de regulamentação, o espaço de uma hora, todas às sextas-feiras das 16 às 17 horas, na programação da ABC 900 AM, torna-se importante exatamente porque abre espaço para a comunidade do Vale do Sinos. Se transforma, portanto, em um espaço para distribuição democrática dos recursos de comunicação.

Fischer (1984, p.16), citado por Cogo (1998, p.30) concorda com Freire quando afirma que é da própria natureza da pessoa ser comunicante. A autora comenta que o direito de comunicar pertence aos indivíduos e às comunidades que eles compõem. A partir de alguns depoimentos de convidados ao programa de diferentes comunidades pode-se inferir que a sua presença no estúdio no laboratório de rádio significa a expressão da cidadania na medida em que essa participação torna-se um elemento de trocas de saberes entre os participantes e especialmente direcionado aos ouvintes.

A dona-de-casa Schirlei Pereira diz que pede para as vizinhas ouvirem o “Café Comunitário”. “Eu ouço o programa frequentemente e eu gosto de ouvir porque sou uma pessoa que não sou muito estudada, e eu aprendo muito ouvindo o “Café Comunitário”. Eu já descobri que eu posso contribuir aqui no meu bairro através de notícias que ouvi no programa. Eu conto para as amigas o que eu aprendi e digo para



elas ouvirem também, porque sei que elas vão gostar”, disse Dona Schirlei que mora no bairro Petrópolis em Novo Hamburgo.

A fala de Dona Schirlei expressa o que Fischer argumenta, citado por Cogo, abaixo, pois, mais que o conteúdo da mensagem, o essencial passa a ser o processo de comunicação que segundo Fischer,

implica na participação, sugere uma transferência interativa da informação. E, subjacente ao conceito, há uma sugestão ética ou humanitária sobre a responsabilidade de assegurar uma distribuição global mais justa dos recursos necessários para que a comunicação se torne possível. (FISCHER, p.16 1984 apud COGO 1998, p.30).

O exercício da cidadania implica, pois, a comunicação como uma forma de tornar comuns os direitos civis e políticos de cada pessoa. Peruzzo cita Viola ao comentar que cidadania é um estado que pressupõe direitos e deveres, a igualdade de todos diante da lei. Neste sentido o “Café Comunitário” tem um papel importante na comunidade local, que utiliza o espaço radiofônico para expressar as suas ideias e opiniões a respeito de assuntos de interesse social e político dos hamburguenses e dos demais moradores da região do Vale do Sinos.

O professor Mestre César Teixeira do Curso de Fisioterapia da Universidade Feevale já participou algumas vezes do programa “Café Comunitário” para esclarecer para a população assuntos relacionados à saúde ou a serviços da instituição que são disponibilizados gratuitamente pela instituição de ensino. Teixeira acredita que o programa liga a educação com assuntos de interesse da comunidade local. O entrevistado afirmou: -“Esse programa é fundamental. O “Café Comunitário” tem grande qualidade em suas pautas, pois são interessantes e relevantes para a comunidade local. Aliado a isso, o programa tem um engajamento educativo que promove a disseminação do conhecimento, e de forma dinâmica contribui para a vida do hamburguense”. Além disso, o “Café Comunitário” serve para promover debates, confrontos de idéias com o objetivo de refletir sobre a situação ou problemas apresentados pela comunidade. Peruzzo afirma que:



No sistema político democrático, há que se procurar equalizar os conflitos pela negociação e não tentar ignorá-los, camuflá-los ou exarcebá-los por meio de iniciativas autoritárias, unilaterais e parciais. Ou seja, não se deve ter em vista eliminar as divergências, mas acomodá-las em patamares onde se respeite a convivência com a pluralidade e a existência de interesses específicos. Isso postula um ambiente de tolerância e abertura, em que se saiba ceder, ganhar ou perder. (PERUZZO, 1998, p.281)

O “Café Comunitário” é uma das oportunidades para que a população aproveite este espaço público como forma de mais um canal de voz nos meios de comunicação. Soluções não tão complicadas, mas que podem auxiliar no processo de participação da população em diferentes conteúdos midiáticos. Dessa forma, a presença de representantes de associações de bairros e entidades comunitárias nos estúdios de rádio para a elaboração do programa veiculado ao vivo, estimula a audiência e promove a possibilidade da formulação de diferentes opiniões sobre os temas colocados em discussão. Através do dia-a-dia, no relacionamento com as instituições que atuam diretamente na vida das pessoas, como uma associação de moradores ou o poder público local, entende-se que esta é a contribuição da equipe do programa para a sociedade. De acordo com Peruzzo, este já é um bom começo para que a população possa usufruir melhor dos espaços oferecidos pela mídia.

A participação objetiva ainda a partilha da informação. Todos conhecem o ditado de que “informação é poder”. Socializá-la é, então, um primeiro passo de compartilhar o poder com o grupo, os membros, e a comunidade. (PERUZZO, 1998 p. 283)

Para opinar e envolver-se ativamente em debates de uma câmara de vereadores ou analisar as ações do governo é preciso estar informado sobre o que acontece na sociedade. O “Café Comunitário” proporciona a possibilidade da discussão de temas como esses. Apesar disso, a produção continua sendo feita por uma equipe especializada, de estudantes e professores, o que garante o conhecimento técnico, no entanto, ao se pensar na abertura deste espaço na emissora comercial compreende-se que, a participação da comunidade pode se dar na presença de convidados e na ação efetiva de ouvintes contribuindo com sugestões diretamente para a produção do programa. Peruzzo (1998 p. 288) afirma que “há que se descobrir maneiras de conferir à população o poder de criar e decidir. Só assim, a comunicação se torna meio e fim, ou



seja, meio e fim se constroem reciprocamente”. Assim, o poder não fica restrito a umas poucas lideranças, mas é estendido ao grupo, potencializando as pessoas para uma ação entre os iguais. Quer dizer, é preciso haver comunicação, sem a qual não pode existir a participação, segundo Bordenave (1983, p.68 apud PERUZZO, 1998 p. 283).

Estas medidas colaboram para que a população consiga participar do poder. Já que, o cidadão não precisa ser proprietário de uma empresa de comunicação para participar do processo produtivo. Peruzzo (1998 p.283) também lembra que não é necessário que o morador pertença à diretoria da associação para envolver-se, com o poder de decisão, em seu funcionamento. Os especialistas e profissionais sempre serão essenciais, afinal não é possível que todos façam tudo.

Mas todos podem participar. Através de espaços propiciados, como o “Café Comunitário”, é possível relacionar a comunicação e a cultura. De acordo com Cogo (1998, p. 31), é enquanto, ser de relações, de contatos, não apenas do “mundo”, mas com o “mundo”, que homem cria, recria e dinamiza a vida, fazendo cultura em comunicação com os outros. Ao contrário, no mundo da não-comunicação, comparado por Freire à educação bancária (mera transmissão de informação), só há lugar para a “cultura do silêncio”.

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dinamizando a realidade. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. (FREIRE, 1989, p.43 Apud COGO, 1998, p.31)

Comunicar a partir do que acontece a sua volta, é, portanto, uma maneira de movimentar e questionar a realidade, o que pode contribuir para o constante desenvolvimento de uma comunidade, situação que é promovida constantemente pelo “Café Comunitário”. A construção deste espaço concorda com o que afirma Neumann, quando diz que quanto mais intensa for a comunicação, maior será a interação e mais livres serão as pessoas envolvidas. (NEUMANN, 1990, p.64 apud COGO 1998, p. 31)

O objetivo do trabalho desenvolvido no Laboratório de Rádio da Feevale é manter um programa onde as matérias são sustentadas com a participação popular tendo a liberdade de expressão, através do uso do microfone, de entrevistas, depoimentos, notícias e histórias de vida. É importante destacar que o “Café Comunitário” reproduz, em grande parte do programa, as falas e os textos das pessoas evitando edições ou interpretações de repórteres no material apresentado no programa.



Semanalmente, os programas são pautados por assuntos discutidos em reunião, que a equipe percebe que são relevantes ou define a partir de sugestões vindas da comunidade. Decidido o assunto do programa, a produção é feita por acadêmicos de Jornalismo. Infelizmente, ainda não se chegou ao ponto, trazido por Peruzzo (1998, p.291), quando os programas são elaborados por organizações representativas locais, tornando-se um espaço onde os técnicos dos veículos acabam apenas colaborando na produção e edição, enquanto, o trabalhador e a dona-de-casa assumem tarefas e se posicionam ativamente na construção do projeto.

Apesar de não se ter esse comprometimento tão forte da comunidade na produção do “Café Comunitário”, o programa acaba se inserindo na vida do ouvinte, já que se torna útil à comunidade, prestando serviços que envolvem as diferentes dimensões do cotidiano com informações sobre o tempo e a hora até as questões educativas e sociais mais amplas.

Fazendo uma avaliação final, constatei que apesar da abertura de um espaço comunitário em uma rádio comercial relevante para a região do Vale do Sinos, a comunidade poderia utilizar melhor esta ferramenta. Acredito que a própria população não se dá conta da importância social do programa e acaba não utilizando o “Café Comunitário” como poderia, impossibilitando o exercício da cidadania através da comunicação. Peruzzo traz uma explicação significativa sobre essa questão:

Podemos depreender que onde se abriam canais que estes foram aproveitados, embora nem sempre num grau que correspondesse plenamente às expectativas. Isso confirma que o aprendizado do processo participativo é lento. Além do mais, quando, o espaço é cedido de cima para baixo. As causas estão nas raízes culturais e históricas das sociedades latino-americanas, que, por um lado, geraram certa apatia a um sentimento de inferioridade perante aos “que sabem”, e por outro, uma tendência a delegar o poder, uma espécie de consenso e cumplicidade em relação a ideologias conservadoras e práticas autoritárias. Além disso, muitas lideranças adotavam medidas centralizadoras, seja reproduzindo o que assimilaram da experiência pessoal, seja agindo por suas convicções políticas vanguardistas. Assim, a comunicação participativa passa pela questão cultura, pelas necessidades e pelas oportunidades vividas. E, como a cultura é algo dinâmico, segmentos da população, aqui e acolá, mesmo sem tradição nesse sentido, vão alterando certos padrões. Afinal, trata-se de algo que deve ser construído, conquistado. (PERUZZO, 1998 p.298)



Cada pessoa pode procurar exercer os seus deveres e exigir os seus direitos procurando, assim, participar ativamente na construção da sociedade. Para isso, o cidadão pode assumir esta postura através de seus atos e mais fortemente através de ações comunitárias, seja em associação de bairro, em um jornal da sua comunidade ou de um programa de rádio local. O essencial é agir para que, através de ferramentas como a comunicação, o mundo se torne um espaço digno de tê-lo como habitante.

Referências bibliográficas

COGO, D.M. **No ar...uma rádio comunitária.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1998.

MEDITSCH, E. **A compreensão da mensagem no radiojornalismo: uma abordagem cognitiva.** Artigo publicado no congresso da Intercom, 2003, GT Mídia Sonora.

PERUZZO, C.M.K. **Comunicação nos movimentos populares: A participação na construção da cidadania.** Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998.

FISCHER, Desmond. **O direito de comunicar.** São Paulo, Brasiliense, 1984, p.16.

NEUMANN, Laurício. **Educação e comunicação alternativa.** Petrópolis, Vozes, 1990, p.64 apud COGO p.31